

«Recuenta el auctor la presente obra»: o prólogo do *Baladro del Sabio Merlín* de Juan de Burgos e a afirmação do poder régio

Isabel Sofia Calvário Correia

Resumo

O *Baladro del Sabio Merlín*, incunábulo impresso em Sevilha por Juan de Burgos em 1498, constitui uma das versões ibéricas do romance arturiano francês *Livre de Merlin*. O texto hispânico começa por um prólogo intitulado «Recuenta el auctor la presente obra». Na realidade, este «prólogo» precede o verdadeiro prólogo, sendo um paratexto sobre a formação do romance arturiano e sua recepção em Castela nos séculos xv e xvi. Com o presente artigo pretendemos compreender o que nos conta este «auctor» sobre a difusão ibérica do *Baladro* e a inserção deste romance no contexto cultural e literário do final da Idade Média.

Résumé

Le *Baladro del Sabio Merlín*, incunable imprimé à Séville par Juan de Burgos en 1498, constitue une des versions ibériques du roman arthurien français *Livre de Merlin*. Le texte hispanique commence par un prologue intitulé «Recuenta el auctor la presente obra» – qui, en fait, précède le véritable prologue –, un paratexte qui concerne la formation du roman arthurien et sa réception en Castille aux XVe-XVIe siècles. Avec cette courte exposition, nous essayons de comprendre ce que nous raconte cet «auteur» sur la diffusion ibérique du *Baladro* et les rapports de ce roman avec le contexte culturel et littéraire de la fin du Moyen Âge.

Citer ce document / Cite this document :

Calvário Correia Isabel Sofia. «Recuenta el auctor la presente obra»: o prólogo do *Baladro del Sabio Merlín* de Juan de Burgos e a afirmação do poder régio. In: Cahiers d'études hispaniques médiévales. N°35, 2012. pp. 181-193;

doi : 10.3406/cehm.2012.2280

http://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2012_num_35_1_2280

Document généré le 02/06/2016

«Recuenta el auctor la presente obra»: o prólogo do *Baladro del Sabio Merlín* de Juan de Burgos e a afirmação do poder régio

Isabel Sofia Calvário CORREIA

Escola Superior de Educação, Coimbra
SMELPS/IF/AILP

RESUMO

O *Baladro del Sabio Merlín*, incunábulo impresso em Sevilha por Juan de Burgos em 1498, constitui uma das versões ibéricas do romance arturiano francês *Livre de Merlin*. O texto hispânico começa por um prólogo intitulado «Recuenta el auctor la presente obra». Na realidade, este «prólogo» precede o verdadeiro prólogo, sendo um paratexto sobre a formação do romance arturiano e sua recepção em Castela nos séculos xv e xvi. Com o presente artigo pretendemos compreender o que nos conta este «auctor» sobre a difusão ibérica do *Baladro* e a inserção deste romance no contexto cultural e literário do final da Idade Média.

RÉSUMÉ

Le Baladro del Sabio Merlín, incunable imprimé à Séville par Juan de Burgos en 1498, constitue une des versions ibériques du roman arthurien français Livre de Merlin. Le texte hispanique commence par un prologue intitulé «Recuenta el auctor la presente obra» – qui, en fait, précède le véritable prologue –, un paratexte qui concerne la formation du roman arthurien et sa réception en Castille aux xv^e-xvi^e siècles. Avec cette courte exposition, nous essayons de comprendre ce que nous raconte cet «auteur» sur la diffusion ibérique du Baladro et les rapports de ce roman avec le contexte culturel et littéraire de la fin du Moyen Âge.

O *Baladro del Sabio Merlín*¹, incunábulo impresso em 1498 por Juan de

1. A edição que usamos ao longo deste trabalho é a de Tracy VAN BISHOP, *A Parallel Edition of the Baladro del Sabio Merlín: Burgos 1498 and Seville 1535*, Madison: University of

Burgos, é uma das duas traduções castelhanas do *Livre de Merlin* e sua *suite*², romance arturiano falsamente atribuído a Robert de Boron. Na realidade, o ciclo do pseudo-Boron³ terá sido aquele que mais êxito conheceu na parte Ocidental da Península Ibérica a julgar pelos testemunhos que chegaram até aos nossos dias. Assim, conservam-se várias traduções dos romances que faziam parte desta configuração cíclica, redigida em francês medieval nas primeiras décadas do século XIII:

– o fragmento em galego português da *Estoire del Saint Graal*, recentemente descoberto no arquivo distrital do Porto, que poderá situar-se entre o final do século XIII e o início do seguinte⁴;

Wisconsin-Madison, 2002 (dissertação policopiada), p. 73-479. Referimos esta obra ao longo do nosso artigo como *Baladro*.

2. O *Livre de Merlin*, também designado «Merlin em Prosa» contém a narração do nascimento do profeta até à sagração de Artur como rei de Logres. Esta prosificação do verso de Robert de Boron conheceu três continuações que narram as guerras internas no reino arturiano, e outros episódios de feição distinta: a designada *Suite da Vulgata*, editada por Oskar SOMMER (ed.), *The Vulgate Version of Arthurian Prose Romances*, 7 vol., Washington: The Carnegie Institute of Washington, 1910-1912, vol. 2; a *Suite du Merlin*, que conta com a edição de Giles ROUSSEAU (ed.), *La Suite du Roman de Merlin*, 2 vol., Genève: Droz, 1996; e, finalmente, o *Livre de Artus*, editado por O. SOMMER, *The Vulgate...*, vol. 6. Acrescente-se que não é consensual a articulação do *Livre de Artus* com os outros romances do ciclo. Veja-se o que diz O. SOMMER, *The Vulgate...*, «Introduction», p. VII-XXXII, e também Ioan PANZARU, «Encore sur la Fausse Guenièvre», in: Catalina GIRBEA et al. (dir.), *Temps et Mémoire dans la littérature arthurienne. Actes du colloque international de la branche roumaine de la Société internationale arthurienne*, Bucarest: Universidade de Bucarest, 2011, p. 133-147. A *Suite du Merlin* foi o texto que conheceu êxito na Península Ibérica a julgar pelos testemunhos que chegaram até aos nossos dias: um fragmento manuscrito em galego-português, o incunábulo de Juan de Burgos e a versão do *Baladro* impressa em 1535. Não se conhece, em língua ibérica, nenhuma versão das outras continuações do *Livre de Merlin*, o que confirma, como adiante veremos, que foi o designado ciclo do pseudo-Boron aquele que obteve maior difusão na Península Ibérica.

3. José Carlos Ribeiro Miranda, no estudo que consagrou à relação da *Demanda do Santo Graal* com o Ciclo da Vulgata, defendeu a existência de um primeiro ciclo de romances em prosa, redigido por volta de 1220, constituído pela *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin*, o *Lancelot en Prose* e por uma *Queste + Mort Artu*. Por volta de 1230, terão sido redigidas duas reformulações desta *Queste*: a que hoje é conhecida por *Queste-Vulgata*, editada por Pauphilet como *Queste del Saint Graal*, e a *Queste do pseudo-Boron*. De acordo com Miranda, esta *Queste do pseudo-Boron*, que além de narrar as aventuras dos cavaleiros em demanda do Graal continha o relato da queda do mundo arturiano, integrava-se numa configuração cíclica de que igualmente faziam parte o *Roman de Lancelot*, uma redacção do *Roman de Tristan*, a *Estoire del Saint Graal* e o *Roman de Merlin* com a sua *Suite*. Integrava ainda um conjunto de episódios, a que foi atribuída a designação «Folie Lancelot», fazendo a ligação da matéria do *Lancelot* com a do *Tristan*, e situados, como recentemente defendeu Ana Sofia Laranjinha, na sequência da matéria específica deste último romance. Sobre a constituição do ciclo do pseudo-Boron, veja-se José Carlos Ribeiro MIRANDA, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto: Granito, 1998, e Ana Sofia LARANJINHA, *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romanesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto: Estratégias Criativas, 2010. Para uma perspectiva distinta consulte-se Fanni BOGDANOW, *The Romance of the Grail. A Study of the Structure and Genesis of a Thirteenth-Century Arthurian Prose Romance*, Manchester: Manchester University Press, 1966.

4. Este fragmento foi primeiramente transcrito e estudado por Aida Fernanda DIAS, «A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamínaco», *Revista Portu-*

- a versão portuguesa da *Estória do Santo Graal*, conhecida como *Livro de José de Arimateia*, que chegou até nós em manuscrito do século XVI, datada, segundo o *explicit*, do ano de 1314⁵;
- um fragmento da *Suite du Merlin*, redigido em galego-português datado de inícios do século XIV⁶;
- a *Demanda do Santo Graal*, que chegou até nós em manuscrito quatrocentista, mas que é o testemunho mais completo de uma versão da *Queste* do século XIII⁷;

guesa de Filologia, *Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, tomo I (25), p. 145-221. Recentemente, as investigações de Simona Ailenii em torno dos mais antigos fragmentos galego-portugueses trouxeram novos e importantes dados para a edição e estudo do bifólio. Veja-se Simona AILENII, «O Arquétipo da Tradução Galego-Portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, à Luz de um Testemunho Recente», in: M. R. FERREIRA, A. M. LARANJINHA e J. C. MIRANDA (org.), *Seminário Medieval 2008-2009*, Porto: Estratégias Criativas, 2009, p. 129-156. Este artigo está também disponível em linha [URL: <http://www.seminariomedieval.com/guarecer/sm0809/SimonaNET%5B1%5D.pdf>], consultado em 15 Novembro 2012.

5. Esta versão conserva-se no ms. 643 da Torre Tombo e apenas conhece a edição paleográfica de Henry Hare CARTER (ed.), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea. Paleographical Edition*, Chapel Hill: North Carolina Press, 1967. Esta obra conheceu alguns estudos em âmbito ibérico, nomeadamente a tese de doutoramento de Ivo de Castro, que contém a edição de parte deste livro: IVO DE CASTRO, *Livro de José de Arimateia. Estudo e edição do cód. ANTT643*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984 (dissertação policopiada). Considere-se também os estudos de José Carlos Ribeiro MIRANDA, «Realeza e Cavalaria no *Livro de José de Arimateia*, versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*», in: Aires NASCIMENTO e Cristina RIBEIRO (org.), *Actas do IV Congresso da AHLM*, vol. III, Lisboa: Cosmos, 1991, p. 157-161, e, do mesmo autor, *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo. Estudo e Comentário de uma Narrativa* do Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, Porto: Granito, 1994. Esta obra contém a edição da parte da dedicada a Perom, antepassado da linhagem de Galvão. Para além destes estudos, o *Livro de José de Arimateia* foi também objeto de teses de mestrado, como a de Carlos Pio, *O lugar do Livro de José de Arimateia na tradição da Estoire del Saint Graal*, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003 (dissertação policopiada), e Isabel CORREIA, *A Construção da «Linhagem Escolhida» no Livro de José de Arimateia, versão portuguesa da Estoire del Saint Graal*, Lisboa: Universidade de Lisboa, 2003. Para uma lista mais detalhada sobre os estudos em torno desta obra, consulte-se a base de dados em linha [URL: http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html], consultado em 15 Novembro 2012.

6. Referimo-nos ao ms. 23434 conservado na Biblioteca de Catalunha. Recentemente editado por Pilar LORENZO GRADÍN e José SOUTO CABO (ed.), *Livro de Tristan e Livro de Merlin. Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela: Centro Ramon Piñeiro/Xunta de Galicia, 2001. Este fragmento, bem como os testemunhos fragmentários do *Livro de José de Arimateia* e do *Tristan Galego*, estão a ser objecto de investigação pela nossa colega Simona Ailenii no âmbito do seu doutoramento ainda em curso.

7. A *Demanda* portuguesa é o testemunho mais íntegro do que terá sido a *Queste* do pseudo-Boron. O manuscrito francês mais completo desta obra, e ainda assim mais lacunar que a *Demanda* portuguesa, é o ms. 112 BNF, editado por Fanni BOGDANOW, *La version post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, 2 vol., Paris: Société des anciens textes français, 1991. As duas edições mais recentes da *Demanda* são de Irene FREIRE NUNES, *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995 e 2005, respetivamente.

Além disso, tem sido postulada por diversas vezes, com base em notícias várias, a existência de um *Lancelot* em português, hoje perdido⁸.

Do *Tristan en Prose*, romance que estabelece uma relação privilegiada com o ciclo do pseudo-Boron, patente em algumas das suas fases de redacção⁹, apenas se preserva um testemunho, um fragmento em galego-português do século XIV¹⁰.

Em território castelhano, conservam-se testemunhos de vários romances deste mesmo ciclo, ainda que na sua maioria estejam incompletos:

- três excertos do *Libro del Sancto Grial*, do *Libro de Merlin* e da *Morte de Artur*, conservados no ms. 1877 da Biblioteca da Universidade de Salamanca, datados do século XV¹¹;
- duas versões impressas da *Suite du Merlin*, *El Baladro del Sabio Merlin*, uma em Burgos (1498) e outra em Sevilha (1535)¹²;
- um manuscrito em papel, de 352 fólhos, que contém o «Segundo Y Tercero Libros» de Lançarote de Lago¹³;
- duas versões impressas da *Demanda del Sancto Grial*, uma em Toledo (1515) e outra em Sevilha (1535)¹⁴.

8. Para mais informações sobre este assunto, veja-se Isabel CORREIA, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do ms. 9611 BNE*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010 (dissertação policopiada).

9. A. M. LARANJINHA, *Artur, Tristão...*

10. O manuscrito que conservava este texto perdeu-se, restando a edição levada a cabo por José PENSADO TOMÉ (ed.), *Fragmento de un «Libro de Tristan» Galaico-portugués*, Santiago de Compostela: CSIC (Cuadernos de Estudios Gallegos, Anejo 9), 1962. Mais recentemente este fragmento e aquele que conserva o *Livre de Merlin* galego-português foram editados por Pilar LORENZO GRADÍN e José António SOUTO CABO, *Livre de Tristan...*

11. Estes fragmentos foram estudados e editados por Karl PIETSCH, *Spanish Grail Fragments*, 2 vol., Kessinger Publishing, 2003. A edição dos textos está no volume I. Mais recentemente foram editados por César GARCIA DE LUCAS, *La Materia de Bretaña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca*, 2 vol., Universidade de Alcalá, 1997 (dissertação policopiada).

12. Para além da edição de Tracy VON BISHOP, *A parallel...*, que usamos neste trabalho, o *Baladro de Burgos* foi editado por Pere BOHIGAS (ed.), *El Baladro del Sabio Merlin según el texto de la edición de Burgos de 1498*, 3 vol., Barcelona: Impr. Talleres de Gráficas, 1957-1961. O impresso de 1535 foi dado a conhecer na edição de Adolfo BONILLA Y SAN MARTÍN (ed.), *La Demanda del Sancto Grial. Primera Parte: el Baladro del Sabio Merlin. Segunda Parte: La Demanda del Sancto Grial com los Maravillosos Fechos de Lanzarote e de Galaz su hijo*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 1907.

13. O manuscrito 9611 BNE foi editado por Antonio CONTRERAS MARTÍN e Harvey SHARRER (ed.), *Lanzarote del Lago*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2006. Os mais recentes estudos sobre esta obra são o de A. CONTRERAS MARTÍN, *La Imagen de la Caballería en el Lanzarote del Lago Castellano*, Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001 (dissertação policopiada) e de Isabel CORREIA, *Do Lancelot...*

14. O impresso de 1535 foi editado por Adolfo BONILLA Y SAN MARTÍN, *La Demanda...* Da Demanda Toledana não se conhece nenhuma edição completa, porém, este impresso conservado na British Library não tem divergências significativas do de 1535. Para mais informações consulte-se José Ramón TRUJILLO MARTÍNEZ, *La Versión castellana de La Demanda del Sancto Grial*, Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2004 (dissertação policopiada).

Como se verifica, vários romances do ciclo do pseudo-Boron¹⁵ chegaram até aos nossos dias em línguas ibéricas¹⁶, manuscritos e impressos, mas o *Tristan de Leonís*, romance que já não se insere nesta configuração cíclica, terá sido o romance mais amplamente difundido em território castelhano a julgar pelos expressivos testemunhos que hoje se conhecem:

- um manuscrito datado do século xv¹⁷;
- três edições impressas do *Tristan de Leonís*¹⁸.

No que respeita as traduções ibéricas da *Suite du Merlin*, apesar de todos os textos conterem lições privativas, supressões e amplificações narrativas divergentes, considera-se que terão derivado de um mesmo original, a *Suite du Roman de Merlin* falsamente atribuída a Robert de Boron¹⁹.

Nos testemunhos que preservam o *Baladro del Sabio Merlin* o grau de afastamento relativamente às versões francesas conhecidas é bastante significativo.

15. Há também testemunhos pertencentes ao ciclo da Vulgata escritos em Língua Ibérica. Referimo-nos a dois fragmentos do *Lancelot* redigidos em catalão. O primeiro, pertencente à biblioteca de Cruzate Mataró, foi editado por Pere BOHIGAS (ed.), «Un Nou Fragment del Lançolot Català», *Estudis Romànics*, 10, 1962, p. 179-187. O segundo, pertence ao Arquivo Paroquial da catedral de Maiorca, foi transcrito por Matheu OBRADOR (ed.), «Fragment d'un Lançolot Català, transcrit per Matheu Obrador», *Revista de Bibliografia Catalana*, 3, 1903, p. 21-25. Sobre estes fragmentos veja-se, também, José Manuel LUCÍA MEGÍAS «Literatura caballeresca catalana: de los testimonios a la interpretación (un ensayo de crítica ecdótica)», *Caplletra* (Revista Internacional de Filologia), 39, 2005, p. 231-256, [em linha] [URL: [http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_\(Caplletra\).pdf](http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_(Caplletra).pdf)], consultado em 15 Novembro 2012. Há ainda que considerar a *Queste del Saint Grasal*, também catalã, editada por Vincenzo CRESCINI e Vennzio TODESCO (ed.), *La Versione Catalana de la Inchiesta del Saint Graal secondo il Codice dell'Ambrosiana de Milano*, Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1917. Um exemplar da versão catalã da *Queste* consta na biblioteca ambrosiana de Milão e é composto por 130 fólhos. Este texto, que abrevia a *Queste* Vulgata, é datado em 1380. Para mais detalhes, veja-se J. M. LUCÍA MEGÍAS, «Literatura caballeresca...».

16. Foi publicada recentemente a transcrição de um fragmento medieval do *Lancelot en Prose* que se encontra na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, escrito em francês, mas pertencente ao mesmo grupo de versões de que fazem parte o *Lançarote de Lago* e o *Lancelot* contido no ms. 751BNF. A nosso ver, este testemunho pode apontar para uma profícua circulação de textos arturianos em ambiente ibérico de que hoje só temos ténue notícia. Para mais detalhes, veja-se Isabel CORREIA e José Carlos MIRANDA, «Os Fragmentos A19 da BGUC e a Tradição Textual do Lancelot», *Guarecer* [em linha] [URL: <http://www.seminariomedieval.com/guarecer/LANCELOT%20DE%20COIMBRA%20DEFINITIVO.pdf>], consultado em 15 Novembro 2012.

17. Referimo-nos ao ms. constante na Biblioteca Vaticana e composto por 131 fólhos, datado de finais do século xiv, e a dois fragmentos que se encontram na Biblioteca Nacional de Madrid. O primeiro é um fólho descoberto por Bonilla em 1902, e o segundo, pertencente ao mesmo códice, consta de cinquenta e nove fólhos, descobertos e editados por Carlos Alvar e José Manuel Megia em 1999. Ambos datam do século xv. Veja-se Carlos ALVAR e José Manuel LUCÍA MEGÍAS (ed.), «Tristán de Leonís», *Revista de Literatura Medieval*, 9, 1999, p. 9-135.

18. Referimo-nos às edições de 1501, 1528 e 1534. Para mais detalhes sobre a tradição textual destes impressos, consulte-se Luzdivina CUESTA TORRE, «La transmisión textual de Don Tristán de Leonís», *Revista de Literatura Medieval*, 5, 1993, p. 63-93.

19. Para mais informações sobre este assunto, veja-se César GARCIA DE LUCAS, *La Materia de Bretaña...* e também Fanni BOGDANOW, «The Spanish Baladro and the Conte du Brai», *Romania*, 23, 1962, p. 386-387.

Assim, apesar de as traduções castelhanas narrarem a vida e morte do sábio conselheiro de Artur, vários episódios são reescritos, suprimidos e acrescentados, não se conhecendo até ao momento nenhuma versão francesa equivalente²⁰.

Os dois *Baladros* não são, porém, idênticos. Para além de redacções diferentes de episódios e de supressões e acrescentos privativos, o *Baladro* de 1535 inclui no início do romance e no fim as «Profecias de Merlin», texto que circulou quer de forma autónoma em território europeu, quer incorporado noutros textos de natureza historiográfica, como por exemplo, em obras de John de Salisbury, Orderico Vital e, em território castelhano, Pedro Lopez de Ayala. O *Baladro* de Burgos não contém estas profecias, mas tem dois prólogos e um epílogo, enquanto o impresso de Sevilha apenas anuncia na tábua de matérias um prólogo, hoje perdido. É sobre um desses paratextos, o primeiro prólogo do *Baladro* de Burgos, que vamos centrar as nossas atenções nesta breve reflexão.

A existência de um prólogo numa obra que, estando integrada numa configuração cíclica, se situaria já depois da obra inicial, causa alguma estranheza. De facto, dificilmente se pode considerar o *Baladro* de Burgos como uma peça da estrutura cíclica do pseudo-Boron²¹. Estamos, assim, perante uma obra com um certo grau de autonomia face à estrutura rígida que caracterizou o ciclo primitivo francês, aproximando-se mais da «novela sentimental», uma vez que o *Baladro* cristaliza em Merlin e no seu caso amoroso com Vivienne o eixo central do romance. Todavia, não é apenas ao nível da estrutura dos textos que a versão ibérica se afasta dos romances arturianos franceses. Há também um distanciamento de cariz ideológico patente no prólogo a que temos vindo a aludir. Vejamos o que ele nos (re)conta.

O *Baladro* de Burgos começa com uma epígrafe que intitula o primeiro dos dois prólogos: «recuenta el auctor la presente obra». O uso do prefixo no verbo da frase poderia levar-nos a pensar que se trata de um sumário, «ou reconto», um paratexto que delinearía as linhas essenciais do texto, «la presente obra». Contudo, nada disso se passa.

20. Sobre este assunto, veja-se Pedro M. CÁTEDRA e Jesús RODRÍGUEZ VELASCO, *Creación y Difusión de El Baladro del Sabio Merlin (Burgos, 1498)*, Salamanca: SEMYR, 2000; Tracy VAN BISHOP, *A parallel...*; Paloma GRACIA, «El Pasaje de la Bestia Ladradora en el Baladro del Sabio Merlin (1498 y 1535), testimonio de una *Demanda del Sancto Grial* primitiva», *eHumanista*, 16, 2010, p. 184-194.

21. Não é já seguro aplicar o termo ciclo para designar estes testemunhos, como afirma José Carlos Ribeiro MIRANDA, «A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Santo Grial*: O retorno de Excalibur às águas», *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, 1, 2004, p. 53-63: «Na realidade, conquanto se tenha generalizado o conceito de “ciclo” para classificar estes romances [as traduções ibéricas], tal designação é equívoca e pouco ajustada a dar conta da natureza e alcance das alterações internas que vão ocorrendo com os tempos, ao sabor das variações do processo de recepção» (p. 55).

Ao invés de introduzir ou resumir o livro de Merlin, o «auctor» conta a história de um rei, Ebalato, que viveu em Inglaterra, no tempo em que havia grandes contendidas entre prestigiados senhores. As disputas deviam-se não apenas a questões políticas ou territoriais, mas também à profissão de diferentes credos, pois uns «*eran moros & otros ydolatres & otros cristianos*». Ebalato, que era idólatra, tinha várias disputas com o seu suserano e vizinho, Meridiantes. Estes reis – assim são designados no prólogo – estavam muitas vezes em guerra. Numa batalha, Ebalato encontrava-se em desvantagem até que olha para o escudo que empunhava e nota que este, apesar de ter sido atingido por vários golpes, permanecia intacto, correndo por ele «*mucha sangre viva*». Ora, este escudo tinha pertencido a José de Arimateia, que convertera muita gente em terras de Inglaterra. Ebalato, desesperado, decide confiar nos poderes do escudo e Daquele que a arma representava, prometendo a Deus converter-se e baptizar-se caso saísse vencedor da batalha. Movido por uma devoção súbita, anima a sua hoste a combater os de Meridiantes e sai vitorioso. Quando regressa, cumpre o prometido, mas sem que os seus súbditos saibam, pois temia que se rebelassem contra ele por ter renunciado ao culto idólatra. Porém, um dia, descobre-se que ele professava a fé cristã e o motim que Ebalato temia concretiza-se. O rei é encarcerado, para desgosto dos cristãos que com ele privavam. Assim, um dos seus fiéis servidores, um senescal de nome Jaquemin, decide aliviar-lhe as penas da prisão levando-lhe livros que o entretivessem e lhe transmitissem ensinamentos. Pareceu-lhe, então, que «*un libro de Merlin era escriptura para exercicio & pasar tiempo, y acuerdo de le embiar a su señor despues de otros que enviado le avia*»²².

Como se verifica, nada nesta pequena narrativa se prende com o enredo do *Baladro*. Ebalato não é, sequer, uma personagem interveniente ou a que se aluda no decurso da narrativa. Todavia, a história deste rei pagão não é exclusiva do prólogo, mas figura, de forma muito aproximada àquela que encontramos no *Baladro*, numa outra obra arturiana ibérica: o *Tristan de Leonís*²³.

Neste romance, no momento em que Palamedes, cavaleiro idólatra, surge na corte reclamando ao rei Marco a rainha Iseu, pois havia cumprido a promessa de lhe trazer Brangel em troca de um dom em branco, o narrador diz-nos que o pai do cavaleiro era Evalac, rei pagão, e invoca a batalha contra Meridiantes (Meridianes no manuscrito tristaniano) e o poder milagroso do escudo. Nada mais podemos ler, pois o manuscrito tem uma lacuna nesse local. Porém, a mesma narrativa, em idêntico ponto do romance, pode ler-se no *Libro del Esforçado caballero Don Tristan de Leonís*, impresso em Sevilha, em 1501 por Juan de Burgos (fol. 31^{va}-b-32^{ra})²⁴.

22. *Baladro*..., p. 76.

23. C. ALVAR e J. M. LUCÍA MEGÍAS (ed.), «Tristán de Leonís...».

24. Adolfo BONILLA Y SAN MARTÍN, *Libro del Esforçado cavallero Don Tristan de Leonís y de sus grandes fechos en armas* (Valladolid, 1501), Madrid: Sociedad de Bibliófilos Madrileños, 1912.

Como já notou Patricia Michon²⁵, as coincidências textuais são evidentes, apenas divergindo o fim dado a Evalac, que no *Tristan* morre aquando do nascimento dos seus filhos gémeos. Algo de diferente se passa no *Baladro*, sobretudo, por se tratar de um prólogo e, também, por questões de coerência textual, pois, como afirma a autora supracitada, «un roi tué, n'était plus en mesure de recevoir la traduction du Roman de Merlin»²⁶.

Como se vê, o primeiro prólogo, que apenas ocupa uma página e meia no *Baladro*, levanta questões interessantes sobre a reescrita ibérica de matéria arturiana e sobre a utilização e modificação de passagens que são texto ou paratexto. Tudo isto em obras editadas por Juan de Burgos. Vejamos, então, em primeiro lugar, o episódio arturiano que deu origem à batalha de Ebalato no *Baladro* e no *Tristan*.

Evalac é uma personagem central na *Estoire del Saint Graal*²⁷ e na versão portuguesa deste romance²⁸. Rei de Sarraz, envolve-se numa batalha contra Tolomer, rei também pagão, seu vizinho que com ele disputa terras e poder. Graças ao escudo onde Josefes, filho de José de Arimateia, desenha o sinal da cruz, usando um pano vermelho, dá-se um milagre e Evalac sai vitorioso. No momento em que está prestes a perder a contenda, o rei invoca o poder de Cristo, prometendo converter-se, e no escudo surge uma imagem sangrenta do crucificado.

Ao mesmo tempo, aparece em pleno campo de batalha um cavaleiro branco que se revela providencial. Este cavaleiro divino não apenas combate as hostes inimigas com uma força sobrenatural, mas, sobretudo, exorta o melhor cavaleiro do rei, Sarafes, a esforçar-se na luta e oferece-lhe uma arma, «uma acha», para o ajudar no difícil combate. Assim, é graças ao seu melhor cavaleiro, seu cunhado e fiel vassalo, que o rei obtém a vitória. De volta a Sarraz, recebe o baptismo e a sua terra é convertida à lei de Cristo. Evalac muda o seu nome para Mordain e Sarafes passa a chamar-se Nascimento. O cavaleiro será o fundador da linhagem escolhida, aquela de onde sairá o melhor e mais virtuoso cavaleiro, o derradeiro da linhagem, Galaaz. Aliás, Sarafes/Nascimento é sempre melhor do que Evalac/Mordaim, sendo o primeiro a ver o Graal e aquele que se converte primeiro ao cristianismo.

Este episódio é também invocado e resumido na *Demanda do Santo Graal* portuguesa²⁹, no momento em que Galaaz chega a uma abadia onde deve empunhar o escudo que lhe estava destinado, aquele que rei Evalac/Mordaim possuía e que agora estava junto ao túmulo de Nascimento/Sarafes.

25. Patricia MICHON, *À la lumière du Merlin espagnol*, Genève: Droz, 1996.

26. *Ibid.*, p. 85.

27. Jean-Paul PONCEAU (ed.), *L'Estoire du Saint Graal*, 2 vol., Paris: Honoré Champion, 1997.

28. Veja-se Henry CARTER (ed.), *The Portuguese...*

29. Irene Freire NUNES (ed.), *A Demanda do Santo Graal*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 55-57.

Como é evidente, as semelhanças e as diferenças entre este relato e aquele que encontramos nos romances castelhanos são notórias. Assim, não é difícil perceber a razão que terá levado o redator do *Tristan de Leonís* a incluir a alusão a Evalac no seu texto. Faria sentido que um poderoso rei pagão, mas que se converteu, fosse pai de um valoroso cavaleiro idólatra, Palamedes, que também haveria de vir a professar a fé cristã. Porém como compreender a funcionalidade desta passagem enquanto prólogo no Baladro? No *Tristan*, não há incongruências significativas e a relação entre as personagens Evalac/Palamedes é uma reescrita que não questiona a coerência dos textos, apesar de ser já fruto de uma refundição, mas que legitima a personagem do cavaleiro pagão. Algo de diferente se passa quando a história de Ebalato passa a paratexto.

A nosso ver, este primeiro prólogo testemunha o conhecimento que o redator do *Baladro*, o da versão original e/ou Juan de Burgos, possuía da matéria arturiana medieval. E não será certamente por acaso que a obra espanhola retoma, reescrevendo-o, um episódio que se encontra nas traduções portuguesas. Note-se que o *Libro de Joseph ab Arimatia*, que se documenta no manuscrito 1877 de Salamanca, não conta a batalha Evalac/Tolomer, apenas lista, através de epígrafes, os acontecimentos mais relevantes, não narrando nada que se prenda com a batalha, o escudo ou o cavaleiro branco. As versões castelhanas da *Demanda*, quer a de 1515, quer a de 1535, remetem, neste ponto, para o «Livro de Galaaz».

Para além disso, a invocação de rei Evalac não será assim tão descabida como pode parecer quando se lê pela primeira vez o *Baladro*. De facto, o seu lugar no prólogo pode assumir, a nosso ver, duas funcionalidades distintas. Juan de Burgos, ou um redactor de uma versão anterior ao incunábulo, poderá ter entendido que retomar a figura do primeiro rei da cristandade seria uma boa maneira de não só ligar o *Merlín* ao livro que o precedia, o *José de Arimateia*, e onde se contava a história deste rei, mas também de introduzir o *Baladro* que narrava a história de outro rei, Artur. Claro que esta hipótese que agora adiantamos tem alguns problemas que o próprio paratexto levanta: diz-se que Ebalato era rei de Inglaterra e que recebeu o «livro de Merlin». A primeira das afirmações não é incoerente uma vez que o rei de Sarraz viajou para Inglaterra onde viveu até à sua morte. Contudo, a segunda não se entende ao nível da diegese, pois, como sabemos, Merlin vive algumas gerações depois de Evalac. Tratar-se-á de uma fórmula de ligação, semelhante à que encontramos no final dos textos do ciclo primitivo quando se anunciavam os vários ramos que o compunham? Se assim for, esta transição não é habilmente conseguida e confirma que o *Baladro* testemunha as indecisões do início da prática editorial em Castela.

Avancemos para outra possível funcionalidade deste paratexto menos

relacionada com a composição da narrativa, mas mais próxima da recepção. Um dos aspectos que nos parece mais interessante deste primeiro prólogo do *Baladro* é o apagamento total da figura do cavaleiro. Nos textos franceses e nas traduções portuguesas, este episódio pretende ser uma exaltação da cavalaria: na *Estoire* apresenta-nos o fundador da linhagem santa, Nascien, responsável pela vitória. Na *Demanda*, é Galaaz o protagonista e o destinatário do escudo do seu antepassado que lhe é entregue pelo Cavaleiro Branco que volta a aparecer miraculosamente.

Não é difícil compreender por que motivo este episódio é retomado na *Demanda*. Em primeiro lugar, para reforçar a coesão do ciclo; em segundo lugar porque apresenta os antepassados de Galaaz, sob a forma de revelação do passado. Também não é estranho que o episódio arturiano seja um elogio às virtudes cavaleirescas quando abençoadas pela fé cristã. De facto, o romance arturiano em prosa tem como grande vector o que podemos designar ideologia cavaleiresca. A figura régia, cristalizada em Artur, é cada vez mais ténue, sendo o monarca um *rex inutilis*³⁰ em algumas versões, e um mau rei noutras. Os valorosos cavaleiros da Távola Redonda são os únicos que conseguem manter Logres e Camelot. Apenas não vencem o pecado do adultério, grande responsável pela queda do reino. Mesmo assim, quando todos sucumbem, resta ainda um cavaleiro que está destinado a grandes feitos, Elaim, o Branco, filho de Boors de Gaunes³¹. Ao longo dos muitos fólhos do ciclo em prosa, sobressai a cavalaria, as regras de conduta que a definem, os rituais que a sacralizam, as armas que simbolizam a sua função guerreira: proteger os fracos e defender o reino. O romance arturiano é claramente aristocrático, funcionando como um «espelho de cavaleiros» e como legitimação do lugar destes no tecido social.

Como atrás dissemos, estamos agora longe da coesão cíclica que ainda encontramos nas traduções portuguesas. Cada vez mais os livros são reescritos de acordo com a recepção e, conseqüentemente, de acordo com a ideologia vigente. Se observarmos o contexto político da Espanha quatrocentista dificilmente se compreenderia o lugar de um livro onde a figura régia não fosse forte e centralizadora.

Assim, recorde-se que na segunda metade do século xv³² ocorreram, nos reinados de Enrique IV e Juan II, graves crises políticas. De facto, durante

30. Sobre este assunto, veja-se Dominique BOUTET, *Charlemagne et Arthur ou le Roi Imaginaire*, Paris: Champion-Sklatine, 1992.

31. Sobre esta personagem, ver José Carlos Ribeiro MIRANDA, «Elaim, o Branco, e o dever da linhagem santa», in: Leonor NEVES, Margarida MADUREIRA e Teresa AMADO (org.), *Matéria de Bretanha em Portugal. Actas do colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de Novembro de 2001*, Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 215-226.

32. Para uma perspectiva das tensões político-sociais em Espanha neste período, ver José Manuel NIETO SORIA, *Fundamentos ideológicos del poder real en España (siglos xiii al xvi)*, Madrid: EUDOMA, 1988.

o reinado de Enrique IV, a alta nobreza alcançou uma grande preeminência em Castela. O monarca favorecera os nobres e era dominado por eles. Todavia, a aristocracia acaba por se rebelar contra o rei, que tanto a beneficiara, devido à política exterior, como por exemplo, no apoio que Enrique deu a Carlos de Viana para assumir a coroa de Navarra e Aragão o que provocou, após a morte de Carlos, uma guerra civil catalã. O pouco sucesso obtido em Granada e uma aliança com Luís XI de França que acabou por se revelar um fracasso levaram a que a alta nobreza quisesse substituir Enrique por Alfonso, seu irmão.

Alfonso não chegou a reinar e Isabel, sua irmã, assume o trono, seguindo uma clara política de centralização do poder régio. Isabel, ao casar-se com Fernando de Aragão, une as duas coroas e o poder régio torna-se cada vez menos dependente da aristocracia. Os monarcas voltam a sua atenção para a conquista do exterior, e Granada é um exemplo disso, evitando dissensões internas e concentrando as linhas mestras no exercício da autoridade e da justiça.

Perante o cenário político castelhano que acabámos de resumir, compreende-se melhor a razão de um primeiro prólogo centrado no rei Evalac. A figura dominante deste paratexto não poderia ser Artur, não só porque seria anacrónico na diegese, mas sobretudo porque Artur não era, no romance arturiano em prosa, um monarca que exercia a justiça e autoridade régias. Basta lembrarmos que, na versão do *Lancelot en Prose* que circulou em Castela, e que hoje se conserva no manuscrito quinhentista 9611 da BNE, o rei de Logres era considerado «*perjurado e gran mintiroso, probado omecida, fornicador, ladrón, ereje e traidor*»³³. Para além disso, Artur era já um rei cristão e nunca se envolvera numa guerra contra os idólatras. Evalac, no paratexto do *Baladro*, é, pelo contrário, o grande responsável pela vitória na batalha contra os pagãos, chegando até a ser preso por se ter convertido. O rei e a fé cristã saem vencedores, como Isabel, a Católica, e Fernando com a conquista de Granada. Não é tempo de exaltar as proezas cavaleirescas, mas de lembrar que os súbditos podem ser traidores e encarcerar o bom rei, como aconteceu a Evalac, neste prólogo, e a Enrique IV que acabou traído por aqueles que mais apoiou.

33. Esta citação foi retirada da edição do *Lancelote de Lago*, Antonio CONTRERAS MARTÍN e Harvey SHARRER, p. 10. Como se verifica, a figura de Artur está longe de ser a de um monarca isento de culpas. Estas violentas acusações situam-se no episódio da Falsa Genevra, e estão também presentes na versão francesa contida no ms. 751 BNF. Porém, não se documentam no ms. editado por Alexandre MICHA, *Lancelot. Roman du xiii^e siècle*, 9 vol., Genève: Droz, 1978-1982, vol. 2. Tão incisivas acusações dão conta de uma estratégia de escrita que visa condenar a acção do rei, de forma violenta, enquanto esposo, mas também como monarca que não consegue agir com lisura e correcção. A sua incapacidade de decidir é sublinhada pela luxúria que revela ao longo deste episódio onde acaba por deixar a rainha e o reino presos no embuste de uma bela dama. Para mais detalhes, veja-se I. CORREIA, *Do Lancelot...*, p. 135-142.

A este respeito, torna-se necessário ainda articular este primeiro prólogo com o segundo. Na realidade, como já vimos, o paratexto que temos vindo a observar aparece encabeçado como «um reconto», pois, a seguir a dizer-se que Evalac recebeu o «Livro de Merlin», surge o prólogo, intitulado «Comiença el prologo» que explica por que motivo se «recontou» antes a história do rei pagão:

*Príncipe sereníssimo, sacro rey & señor muy poderoso, la brevedad & fragilidad desta vida muy travajada & dolorosa & la constancia de la inconstancia & variedad de fortuna, la mutacion así mismo dela voluntad & del pensamiento humano son las causas por que yo no he hecho eneste comienço el prologo devido a vuestra excelencia*³⁴.

O autor, versado em arte oratória, tem a necessidade de justificar o bizarro começo da sua obra, já que não principiou o livro exaltando méritos e qualidades do príncipe a quem o oferecia, antes entendeu começar com a história de um poderoso rei cristão que, apesar de vencer uma batalha, termina no cárcere. Assim é a «mutação da fortuna». Assim foi com Enrique IV. Aliás, neste segundo paratexto que, a nosso ver, terá sido escrito em época anterior àquele que temos vindo a observar, alude-se concretamente a um dos infortúnios por que passou o rei a quem supostamente a obra é dirigida: «*Poco tiempo ha que padecistes conlos del duque de Berri, que vistes a vuestros subditos sufrir infinitas misérias*»³⁵.

Ora, tudo parece indicar que o rei a quem o autor do segundo prólogo se dirigia era Enrique IV, ou seja, terá sido, como atrás adiantado, escrito antes da obra que narra a história de Evalac. No que concerne o primeiro paratexto, há uma coincidência a que já aludimos que não pode ser ignorada. Como verificámos no início desta breve exposição, a passagem em torno de Evalac e a batalha com o rei Meridiantes encontra-se, também, no *Tristan* de inícios do século xv e naquele impresso por Juan de Burgos em 1501. Ora, o facto de Juan de Burgos ser o impressor do *Tristan* pode indicar que conhecia bem essa obra e que pode ter usado o episódio tristaniano, atribuindo-lhe a função de paratexto no *Baladro del Sabio Merlin*.

Mas, que sentido faria este episódio para a corte de Isabel e Fernando? Evalac é um rei que vence os idólatras, tal como Fernando com a conquista de Granada, representa o braço da justiça e autoridade régias, propalado pelos reis católicos, como vimos, e serve também de ensinamento e precaução para com os «falsos conselheiros», além de provocar empatia do público uma vez que é preso devido à fé cristã que professa. Se tivermos em conta que outros romances arturianos faziam parte da biblioteca de

34. *Baladro...*, p. 74.

35. *Ibid.*, p. 75.

Isabel, a Católica³⁶, nomeadamente a *Estória do Santo Graal* (ou *Livro de José de Armateia*), onde se narra a história de Evalac/Mordaim, facilmente se compreende que a sua personagem central podia ser aproveitada como exemplo do rei que apenas presta vassalagem a Deus apesar de, como também já afirmámos, o seu protagonismo no romance arturiano ser algo ofuscado pelo destaque dado ao cavaleiro Nascimento.

Quer tenha sido um *refundidor* anónimo, quer tenha sido Juan de Burgos o responsável pela inclusão deste «prólogo que não é um prólogo», a sua funcionalidade parece evidente: ser entendido como um exemplo de um «espelho de reis». O rei que vai ler, em Castela, o *Merlin* é tão poderoso como aquele que o lera em Inglaterra e merece esta obra para que se lembre que só ele deve ser o braço terreno do poder divino.

36. Sobre este assunto, veja-se Nicasio SALVADOR MIGUEL, *Isabel la Católica: educación, mecenazgo y entorno literario*, Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 2008 e Isabel BECEIRO PITA, *Libros, Lectores y Bibliotecas en la España Medieval*, Murcia: Nausicaä, 2007.